

O deus Moisés e o profeta Arão (Ex 4,10-17)

The god Moses and the prophet Aaron (Ex 4,10-17)

*Rafael França*¹

RESUMO

Este artigo propõe explicar as designações dadas por Deus a Moisés e Arão em seus comissionamentos (Ex 4,10-17) dentro do contexto histórico do Antigo Oriente, principalmente do Egito. Para tal objetivo, abordamos as tradições e o contexto literário, cultural, linguístico, religioso e geográfico concernentes ao texto em estudo. Portanto, o texto definido e delimitado é submetido a um crivo que leva em consideração o contexto da narrativa e do ambiente onde se situa tal narrativa, passando a ser analisado e comentado versículo por versículo. Com isso é possível verificar muitas compatibilidades entre aspectos sociais, religiosos e literários do texto bíblico e o ambiente onde ele foi gerado, mostrando a importância da história, dos estudos arqueológicos e das críticas, para uma interpretação teológica eficiente da história do êxodo dos hebreus e seus personagens.

PALAVRAS-CHAVE

deus Moisés – Êxodo – Egito – Antigo Oriente Próximo.

ABSTRACT

This article proposes to explain the designation given for God to Moses and Aaron in their commissions (Ex 4,10-17) in the social and literary context of the Ancient East, mainly of Egypt. For such objective, it will be carried the traditions and the literary, cultural, linguistic, religious and geographic context related to the text studied. Therefore, the text

¹ Bacharel em teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), mes-
trando em teologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC), onde participa do
grupo de pesquisa Tradução e Interpretação do Antigo Testamento (TIAT).

defined and delimited is submitted to a evaluation that takes in account the narrative's background and the environment where is located such narrative, then, the passage is analyzed and commented verse by verse. Hence it is also possible to check much compatibilities among socials, religious and literary aspects of the biblical text and environment when it was generated, showing the importance of history, archaeological studies and criticism for a proper interpretation of the history of the exodus of the Hebrews and its characters.

KEYWORDS

god Moses – Exodus – Egypt – Ancient Near East.

Introdução

Este artigo estuda o significado das funções que o Senhor designou a Moisés e Arão no projeto do êxodo, com base na passagem de Êxodo 4,10-17, em que *YHWH* comissiona Moisés como deus e Arão como boca de Moisés. Alguns autores, como Thomas Römer e Walter Vogels, examinaram a função e o papel, especificamente de Moisés, levando em consideração seus feitos no decorrer do êxodo². Porém o estudo aqui realizado busca entender o motivo que levou a escolha das designações *deus e boca*. O estudo do texto e do contexto torna viável esse objetivo, e para isso utilizaremos a metodologia histórico-gramatical³.

Os comentários sobre a passagem geralmente abrangem apenas o estudo sincrônico, mas essa pesquisa visa analisar também o contexto social, a literatura e as tradições do Antigo Oriente, principalmente a egípcia⁴,

² Sobre os papéis e funções de Moisés: VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas*: do Êxodo ao Deuteronômio. São Paulo: Paulinas, 2003; RÖMER, Thomas. Os papéis de Moisés no Pentateuco, In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (orgs.). *Pentateuco: da formação à recepção*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 89-108.

³ KUNZ, Claiton André. *Método histórico-gramatical*: um estudo descritivo. Revista Batista Pioneira, v. 4, n.1, p.1-18, 2015.

⁴ Sobre o Antigo Oriente e Egito: DRIOTON, Étienne; CONTENAU, Georges; DUCHESNE-GUILLEMIN, J. *As religiões do antigo oriente*: sei e creio – enciclopédia do católico no século XX. São Paulo: Flamboyand, 1958. KAELIN, Oskar. Gods in

que circundaram e influenciaram as narrativas bíblicas desde a tradição oral. Portanto, o texto definido pela crítica textual⁵ e delimitado segundo os padrões pré-estabelecidos, será a base para o estabelecimento de um paralelo entre o estudo das tradições e os gêneros literários que permeiam esse texto. Essa análise será efetuada com instrumentos de exegese para a interpretação do Antigo Testamento e do Pentateuco⁶.

Com essa base sólida é possível o estudo sincrônico e diacrônico do texto, onde o contexto, como a história das tradições, arqueologia e até egiptologia, agrega ao ponto de partida, que é o texto bíblico, tornando viável a interpretação e os comentários relevantes sobre esse trecho. Portanto, este estudo surge com a intenção de significar os papéis dado por *YHWH* ou ao menos demonstrar por que o Senhor comissionou Moisés como *deus* e Arão como *boca* no contexto do antigo Oriente Próximo.

Crítica Textual

A crítica textual é o trabalho de reconstrução e estabelecimento de um texto. O “objetivo da crítica textual consiste em apresentar um texto que seja confiável e defensável em termos científicos, uma edição que reproduz de forma aproximada um texto original que uma vez existiu, mas que não nos foi transmitido”⁷, ou seja, analisar o texto em meio as variações que ele obteve no decorrer dos anos.

Ancient Egypt. *Oxford Research Encyclopedia of Religion*, 11/2016. Disponível em: <<http://religion.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780199340378.001.0001/acrefore-9780199340378-e-244>>; MELLA, Federico A. Arborio. *O Egito dos Faraós: história, civilização, cultura*. São Paulo: Hermes, 1981; CASSON, Lionel. *O antigo Egito*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

⁵ FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia hebraico: introdução ao texto massorético: guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008.

⁶ Sobre métodos de estudo do Antigo Testamento e Pentateuco: SIMIAN-YOFRE, Horácio (org.). *Metodologia do Antigo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011a; RENDTORFF, Rolf. *Antigo testamento: uma introdução*. Santo André: Academia Cristã, 2009; SKA, Jean Louis. *O canteiro do Pentateuco*. São Paulo: Paulinas, 2016a.

⁷ FISCHER, Alexander Achilles. *O texto do Antigo Testamento*. São Paulo: SBB, 2013, p.164.

No início dos modernos estudos minuciosos sobre a interpretação do Antigo Testamento, a crítica textual, que faz parte da baixa-crítica, teve dois focos de atenção: as fontes e a datação, originando assim no século 17 d. C. o método Wellhausen (e as fontes JEPD). Porém, durante todos esses anos de pesquisas muitas questões surgiram sobre as fontes do Pentateuco⁸. De acordo com os estudos da última década, a fonte J (Javista) e a fonte E (Eloísta) não aderem aos quesitos de fonte, sendo consideradas apenas coletâneas de textos, embora alguns estudiosos remanescentes discordem dessa afirmação⁹. Outro aspecto importante a citar é sobre as “autorias” do Pentateuco. Alguns estudiosos defendem veementemente a busca do texto original a partir de um único autor, não levando em consideração os acréscimos redacionais que facilitam o entendimento do texto¹⁰. Mas outros classificam o Pentateuco como um *stemma*, uma árvore genealógica, formada por vários ramos e galhos textuais, como a Septuaginta (LXX), o Pentateuco Samaritano (PS) e os achados de Qumran. Esses ramos têm a mesma relevância do Texto Massorético (TM) e suas vertentes¹¹. Rolf Rendtorff¹² supera esses problemas dizendo ser necessário estudar o Pentateuco a partir de uma pequena unidade de texto e não da fonte, pois esta se reconstrói a partir dessas unidades.

⁸ Sobre as muitas questões do Pentateuco: PURY, Albert de. *O Pentateuco em questão: as origens e composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

⁹ SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos. in: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (orgs.). *Pentateuco: da formação à recepção – Contribuições ao VII Congresso ABIB-UMESP*. São Paulo: Paulinas, 2016b, p. 28-32.

¹⁰ VAN SETERS, John. The Edited Bible: the curious history of the “editor”. In: _____. *Biblical Criticism*. Winona Lake: IN: Eisenbraus, 2006; VAN SETERS, John. The Genealogy of the Biblical editor, In: KLOPPENBORG, John S.; NEWMAN, Judith H. (Eds.). *Editing the Bible: assessing the Task Past and present*, n.69, Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2012. p. 9-22.

¹¹ TOV, Emanuel. The Development the Text of the Torah in Two Major Text Blocks. *Mandel Institute of Jewish*, Jerusalem, Bible Project (HUBP) – Textus 26: 2016. Disponível em: <http://www.hum.huji.ac.il/upload/_FILE_1474293442.pdf>.

¹² RENDTORFF, Rolf. *The Problem of the Process of Transmission in the Pentateuch*. England: JSOT Press Sheffield, 1990, p. 190-192.

Diante dessa explanação, a Bíblia Hebraica Stuttgartensia¹³, elaborada a partir do Texto Massorético (MT) do Códice de Leningrado: Firkowitch I. B19a (L), o texto mais antigo e completo dos massoretas¹⁴, sendo a edição crítica, será a base para a unidade estudada e o guia para a análise das variantes textuais existentes no texto de oito versículos que compreende essa pesquisa, buscando assim, por meio de critérios de especialistas, alcançar o objetivo da crítica textual que é definir o texto mais próximo do original.

Variantes textuais

A primeira variante textual se encontra no v.10 onde a partícula *da-berëkha* (seu falar) apontada no Códice de Leningrado B19a, nos muitos manuscritos hebraicos medievais e as edições críticas de Kennicott, De Rossi e de Ginsburg¹⁵ não contém um acento disjuntivo chamado *tippah* ou *tarha*, que no texto fornecido pela edição crítica se encontra. Este acento serve para assinalar as divisões entre unidades, como informa Edson Francisco¹⁶, com a tentativa de dividir um versículo em duas ou três partes, identificando assim as diferentes partes de cada versículo¹⁷,

No v.11 há uma variação com a obra do Pentateuco Samaritano, obra que apresenta cerca de 6.000 variações com o Texto Massorético, em que a grande maioria se dá em peculiaridades ortográficas que não alteram o significado do texto, explica Fischer¹⁸. Essa variante parece estar dentro dessa categoria visto que a palavra *yasum* (ele estabelecerá), que no Pentateuco samaritano se apresenta como *yasym*, trocando um *shureq* por um *yodh*, não altera em nada a palavra *estabelecer* ou *pôr* na forma do *qal incompleto* masculino na 3ª pessoa do singular: *ele estabelecerá* ou *ele porá*.

¹³ ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 4. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

¹⁴ FRANCISCO, 2008, p. 315.

¹⁵ FRANCISCO, 2008, p. 350.

¹⁶ FRANCISCO, 2008, p. 204.

¹⁷ FISCHER, 2013, p. 32.

¹⁸ FISCHER, 2013, p. 77-80.

A segunda variante desse versículo se refere a mudanças e acréscimo. A palavra *YHWH* que aparece na edição crítica é trocada por *ho theos* (o deus) no Códice Vaticano e em códices cursivos e manuscrito da Septuaginta (LXX). Além da alteração há um acréscimo *kyrios ho theos* (senhor, o deus). A palavra *YHWH* adere particularidades para o povo da aliança acarretando assim, até nos tempos contemporâneos, certa dificuldade de compreensão e até de pronúncia¹⁹. É provável que a troca de *YHWH* por o *Deus* se deu pela tentativa de facilitar o entendimento do texto, mas pelo critério *Lectio difficilior probabilior* continuaremos com *YHWH*²⁰. O acréscimo é uma glosa com o objetivo de explicar, visto que tal palavra era teologicamente escandalosa²¹ ou uma possível universalização do Deus de Israel.

No versículo 14 se encontra a última variante da perícopé aqui estudada. Na Bíblia Hebraica, a última palavra é *bēlibo*, porém no Pentateuco Samaritano se encontra *bilēvavo*. Esta variação provavelmente segue os mesmos critérios de definição encontrados da segunda variante desse trecho, pois *coração* se escreve dessas duas formas, *libo* e *lēvavo*, não alterando em nada seu significado²².

Delimitação

A delimitação do texto é exposta por marcas que o autor deixou em seu escrito, demonstrando onde é o início e o fim de seu texto. Para que a delimitação seja efetuada é necessário levar em consideração os critérios de delimitação existentes, as marcas que os especialistas, em muitos anos de pesquisas, encontraram, demonstrando ser possível enxergar unidades textuais dentro das diversas macronarrativas que compõe a Bíblia²³.

¹⁹ DEUS, NOME DE. KUHN, H. B. In: TENNEY, Merril C. (org.), *Enciclopédia da Bíblia*, v.2, São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 123-127.

²⁰ FISCHER, 2013, p. 190.

²¹ SIMIAN-YOFRE, 2011a, p. 68.

²² HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 243.

²³ SILVA, Cassio Murilo Dias da. *Metodologia da exegese bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 70. (Coleção bíblia e história).

Cassio Murilo Silva²⁴ nos ajuda a encontrar os indícios que o texto de Ex 4,10-17 fornece para a devida delimitação dentro dos critérios pré-estabelecidos, como por exemplo, um novo personagem que apareceu no episódio e pela perspectiva de argumento que o inicia. Esse texto faz parte de um relato episódico, ou seja, é um episódio inserido dentro de uma trama maior que é o chamado de Moisés. Essa trama segue uma ordem cronológica, onde um episódio é decorrente de um anterior, “movimenta-se” conforme as mudanças de situações, e cada movimento gera um episódio importante para o entendimento do relato como um todo²⁵.

É possível visualizar a conexão entre os episódios dessa trama, em que os episódios antecedentes (Ex 3,14-4,9) demonstram uma problemática, e o episódio concernente a essa pesquisa aparece como finalização da trama, onde a problemática/relutância de Moisés é solucionada e extinguida.

A complicação corresponde às diversas etapas que conduzem à solução do conflito ou do problema: as diversas tentativas de resolver o problema, as etapas de um itinerário, as mudanças progressivas etc. os relatos comportam um “obstáculo” que retarda a solução e aparece desde o início do relato²⁶.

Em resumo, a indagação de Moisés *vayomer Mosheh él YHWH* (mas disse Moisés à YHWH) demonstra o início de mais uma cena nessa trama e a ruptura do diálogo e mudança de cenário no versículo seguinte demonstra o término. A problemática é resolvida e a trama é finalizada com o aparecimento de um novo personagem, Arão, além da designação clara da função de cada um dentro do plano do Senhor.

Tradução

Após a definição e delimitação do texto sob análise das variantes textuais listadas na *Biblia Stuttgartensia*, apresentamos nossa tradução do texto hebraico da passagem de Ex 4,10-17:

²⁴ SILVA, 2009, p. 71.

²⁵ SIMIAN-YOFRE, 2011a, p. 135-136

²⁶ SIMIAN-YOFRE, 2011a, p. 137.

- v. 10 Mas disse Moisés à *YHWH*: “Com vossa permissão meu senhor, não sou homem de palavras, tanto anteriormente quanto até agora, também depois do teu falar para teu servo, pois pesada boca e pesada língua eu sou”.
- v. 11 Disse o seu Deus, *YHWH*: “Quem estabeleceu boca para as pessoas? Ou quem estabelecerá mudo ou surdo? Ou quem enxerga bem ou cego? Não sou eu, o Senhor?”
- v. 12 “E agora ande e eu serei com a tua boca e ensinarei a ti o que tu falarás”.
- v. 13 Mas ele (Moisés) disse: “Com vossa permissão meu senhor, envie, por favor, pela mão que tu enviarás”.
- v. 14 E o calor de ira de *YHWH* sobreveio Moisés e disse: “Não é teu irmão Arão, o levita? Ele reconhece-me e ele certamente falará. E também, preste atenção, ele aparecerá para te encontrar, e te verá e te alegrará com a vida dele”.
- v. 15 “E tu ordenará, deus dele, e tu colocarás as palavras dentro da boca dele (Arão) e eu mesmo estarei com a tua boca e com a boca dele, e eu vos ensinarei, juntos, como agirás”.
- v. 16 “E ele falará por ti para o povo e ele Arão será aquele que será para ti por boca e tu serás para ele por deus”.
- v. 17 “Ele pegará este cajado que com tua mão realizastes com ele os sinais”.

CONTEXTO

Para a interpretação desse texto narrativo é importante o entendimento de seu contexto. Essa última cena do comissionamento de Moisés e Arão apresenta características de seu contexto literário, a saber, o Pentateuco, o livro do Êxodo, o evento do êxodo e a trama no todo. Além do contexto literário, existe um contexto externo, características sociais, geográficas e religiosas do Antigo Oriente, a influência da cultura e literatura egípcia.

Pentateuco e o êxodo

Como já foi relatado acerca do Pentateuco, embora não haja um consenso unânime, principalmente sobre as fontes, é preferível trabalhar

com a leitura sincrônica dos textos canônicos, ou seja, a partir de sua forma final, levando em consideração aspectos diacrônicos relevantes²⁷.

O evento do êxodo vai do livro de Êxodo à Deuteronômio, dividindo-se em três partes: partida do Egito (Ex 13,17-15,21), passagem pelo deserto (Ex 15,22 – Nm 21,20) e chegada na Terra Prometida (Nm 21,21 – Dt 1,5; 34,1-5)²⁸, tendo como tema principal a liberdade, onde Deus vem em socorro aos oprimidos salvando-os do opressor²⁹.

Sobre o livro de Êxodo é difícil definir sua estrutura devido a questões estilísticas, por isso é preferível defini-la de forma conceitual e não estrutural. Jean Louis Ska³⁰, a partir da proposta de alguns especialistas, tenta nos deixar a par do fio condutor que torna possível integrar os componentes desse livro, a saber, *presença de Deus, o poder e a presença de Deus e peregrinação*. Em contraste, R. Alan Cole³¹ não sugere um fio condutor, mas uma vasta gama de temas. Não há consenso entre conceito, estrutura ou teologia do livro de Êxodo, mas utilizando o conceito de Rendtorff³² entendemos que o texto de Êxodo tem como objetivo e tema principal a libertação dos israelitas.

Contexto histórico-cultural

A Torá³³ abrange lei e história, porém alguns estudiosos asseveram que a tradição oral precedeu e serviu como base para sua escrita³⁴ e, por

²⁷ Cf. FERNANDES, Leonardo Agostini. Verbete sobre o Pentateuco, *Estudos Bíblicos: A bíblia e sua mensagem*. Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.estudosbiblicos.teo.br/?p=341>. Acesso em: 30/03/2017; SKA, 2016b, p. 13-88.

²⁸ FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. Êxodo 15,22 – 18,27, São Paulo: Paulinas 2011, p. 6.

²⁹ GRENZER, Matthias. *O projeto do êxodo*, 2. ed. ampl. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 13-14.

³⁰ SKA, 2016a, 118-120.

³¹ COLE, R. Alan. Êxodo: introdução e comentário. 3. reimp. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980, p. 19-38.

³² RENDTORFF, 2009, p. 39.

³³ CRÜSEMANN, Frank. *A torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 449-463.

³⁴ SELLIN, E. ; FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007, p. 53-56.

isso, há a necessidade de questionar o impacto que as tradições causaram no texto do Pentateuco³⁵. Portanto analisamos nesta pesquisa a crítica das tradições, buscando o substrato e o panorama cultural do texto transmitido através das gerações, observando em paralelo à escrita judaica os antecedentes do Antigo Oriente, pois os israelitas foram influenciados pela cultura mesopotâmica, cananeia e egípcia. Não cabe nesta pesquisa identificar todos os paralelos entre as tradições do Antigo Oriente e a escrita bíblica, porém para pontuar as convergências utilizaremos o método de Horácio Simian-Yofre³⁶.

Nesse estudo do contexto, serão relatados, principalmente, as questões do Egito, pois é necessário levar em consideração que a religião egípcia impactou muitas religiões contemporâneas e posteriores a ela, e também influenciou e inspirou ideias e o imaginário bíblico³⁷.

Antecedentes da passagem e do Antigo Egito

Analisando características gerais do Egito, é possível visualizar um povo de vasta e complexa história, em seu surgimento, unificação e desenvolvimento³⁸. Com cerca de três mil deuses, entre maiores e menores, era um sociedade politeísta e considerava normal a crença e a devoção de deuses territoriais, deuses misteriosos, com vários nomes, alguns secretos, e de várias formas³⁹. Portanto o místico nome *YHWH* adere esse formato, sem causar espanto naquela época, sendo possível interpretar que faraó não achou estranho que os hebreus tivessem seu Deus e o adorasse, mas o ponto de conflito talvez tenha se dado no momento em que a solicitação feita por Moisés ao rei egípcio deixara subentendido que a divindade que a requeria teria mais autoridade do

³⁵ PURY, Albert de; RÖMER, Thomas. “História” e “Lei”. In: PURY, Albert de. *O Pentateuco em Questão*, Petrópolis: Vozes, 1996, p. 83-84.

³⁶ SIMIAN-YOFRE, Horácio. Diacronia: os métodos histórico-críticos. In: _____ (org.). *Metodologia do Antigo Testamento*, 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011b, p. 104-107.

³⁷ KAELIN, 2016, p. 24.

³⁸ DRIOTON; CONTENAU; DUCHESNE-GUILEMIN, 1958, p. 9-11.

³⁹ MELLA, 1981, p. 88-91.

que ele, pois os cultos, serviços e rituais religiosos eram de responsabilidade de faraó⁴⁰.

Segundo Casson⁴¹, não havia separação entre religião e o Estado, pois a vida egípcia era norteadada pela religião, por isso os assuntos civis e religiosos eram juntamente processados. Esse governo era sistematizado de forma piramidal, onde no vértice da sociedade se encontrava faraó, sendo ele a autoridade principal, identificado não apenas como governante, mas como deus. “O faraó não era um vice-rei que governava por eleição divina, nem era um homem que tinha sido deificado. Ele *era* deus”⁴². Faraó era considerado deus na terra, líder universal, principal ordenador terrestre, realeza dos deuses⁴³.

Essa complexidade de uma administração civil-religiosa era comum na época de Moisés⁴⁴ não só no Egito, mas nos povos do antigo Oriente Médio e Próximo⁴⁵. Dinâmica conhecida por Moisés, “a chamada de Moisés realmente foi significativa, à luz de seu passado e treinamento. Na corte de faraó ele percebeu que teria de entrar em choque com autoridade”⁴⁶.

Sellin e Fohrer conferem que os eventos citados na passagem, como a chamada para uma missão, a função “divina” de Moisés e o desejo de Deus sendo feito, parece com uma forma básica de historiografia egípcia, a “chamada ‘novela real’, que pretende narrar um acontecimento concreto, descrevendo-o como ação do rei divino, que, por isso mesmo, executa a vontade de Deus”⁴⁷. Analisando as histórias desse tipo, como as registradas nas estelas de Thutmose III, Israel (Merneptah) e da Fome é possível encontrar a celebração da realeza, seu papel de intercessor

⁴⁰ KAELIN, 2016, p. 9.

⁴¹ CASSON, 1969, p. 101.

⁴² BRIGHT, John. *História de Israel*, 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003, p. 61.

⁴³ KAELIN, 2016, p. 11-13

⁴⁴ Sobre a datação dos acontecimentos do Êxodo: MESQUITA, Antonio Neves de. *Povos e nações do mundo antigo: uma história do Velho Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001; SCHULTZ, Samuel J. *A história de Israel no Antigo Testamento*, 13ª reimp. São Paulo: Vida Nova, 1995.

⁴⁵ DRIOTON; CONTENAU; DUCHESNE-GUILEMIN, 1958.

⁴⁶ SCHULTZ, 1995, p. 49.

⁴⁷ SELLIN; FOHRER, 2007, p. 89.

entre o povo e as divindades, comemorações de conquistas, glorificação de reis, reconhecimento do poder divino entre outras características que coincidem com a narrativa do êxodo⁴⁸.

Em resumo, é possível fazer uma ligação entre a narrativa bíblica e pontos do contexto do Antigo Egito, por exemplo, pontos da religião, a equiparação entre Moisés e faraó, a “fusão” do humano com o divino e outras questões que serão pontualmente expostas nos comentários.

Comentário

O evento do êxodo contém os quesitos de uma narrativa (personagem, lugar, tempo, narrador e trama), em que a macronarrativa tem características de uma saga, um relato transmitido via oral de forma exuberante e poética, no caso, a saga de um herói e de um povo; e a micronarrativa aqui estudada se apresenta basicamente em formato de discursos direto (diálogos), oito para ser mais exato⁴⁹.

Analisamos nos comentários questões do gênero, particularidades e peculiaridades da língua hebraica, como, por exemplo, o papel de destaque do verbo hebraico⁵⁰ e a história da tradição, pois, segundo Jean Louis Ska, precisamos manusear o texto com as “duas mãos”, analisando o contexto histórico e literário que o circunda, levando em consideração a linguagem humana que ele contém, com suas obscuridades e imperfeições, de acordo com a convenção de linguagem que nele existe⁵¹.

⁴⁸ SIMPSON, William Kelly. Royal Stale. In: _____. *The Literature of Ancient Egypt: An Anthology of Stories, Instructions, Stelae, Autobiographies, and Poetry*, 3. ed. New Haven and London: Yale University Press, 2003, p. 335-392.

⁴⁹ SILVA, 2009.

⁵⁰ Sobre a importância do verbo hebraico LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A contribuição da lingüística textual para a compreensão dos valores do verbo hebraico bíblico. *Atualidade Teológica* (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 5, n.9, p. 229-239, 2001; GRENZER, Matthias. As dimensões temporais do verbo hebraico: desafio ao traduzir o Antigo Testamento. *Revista Pistis e Práxis, Teol. Pastor, Curitiba*, v. 8, n. 1, p. 15-32, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis?ddl=16082&dd99=view&dd98=pb>>.

⁵¹ SKA, 2016a, p. 152-157.

Versículo por versículo

Versículo 10: *Mas disse Moisés ao Senhor: “Com vossa permissão meu senhor, não sou homem de palavras, tanto anteriormente quanto até agora, também depois do teu falar para teu servo, pois pesada boca e pesada língua eu sou”*: “[...] não sou homem de palavras...” não é no sentido de não cumprir o que diz, mas de não saber falar. Afirmção interessante, pois foi dito por alguém que foi educado em toda a sabedoria dos egípcios, sendo assim essa objeção de não saber falar por ter “[...] pesada boca e pesada língua...” não é viável para Moisés.

Por isso é necessário entender o porquê da relutância de Moisés e suas objeções. Moisés se encontrava como um refugiado em Madiã, perseguido pelos egípcios e rejeitado pelos hebreus. O questionamento feito pelo hebreu na ocasião que acarretou em sua fuga “*Quem te colocou como chefe ou juiz de nós?*” (Ex 2,14b) ainda o perturbava (Ex 3,13-15). E mesmo agora, com o respaldo divino de *quem* o enviou, esse incômodo não foi exaurido⁵².

O problema da objeção não estava no falar, pois a tradição o considerava como um bom orador, como mostra Estevão: “Assim foi Moisés iniciado em toda sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso em suas palavras e obras” (At 7,22). Sua relutância se dava no enfrentar os egípcios e os hebreus, os dois grupos que de certa forma oprimiram-no. Todas suas objeções se dão no temor de enfrentá-los (Ex 3,11-12; 13-15; 4,1-9). “Com esta quarta objeção, deixam de ser problemas reais as objeções para ir indicando ao leitor os temores do líder”⁵³.

Em qualquer gênero literário há influência cultural, social, econômica, política e religiosa, circunstâncias naturais que interferem na escrita de um texto, podendo o mesmo gênero sofrer alterações mantendo apenas algumas características⁵⁴. Podemos identificar as semelhanças e evolução do gênero saga na história de êxodo e, com isso, entendendo esse trecho, pois a vulnerabilidade e deficiência de um herói é um dos elementos desse gênero⁵⁵.

⁵² GRENZER, 2007, p. 44-46.

⁵³ PIXLEY, George V. Êxodo. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 43.

⁵⁴ SIMIAN-YOFRE, 2011b, p. 103-104.

⁵⁵ VOGELS, 2003, p. 17-18.

Versículo 11 e 12: *Disse o seu Deus, YHWH: “Quem estabeleceu boca para as pessoas? Ou quem estabelecerá mudo ou surdo? Ou quem enxerga bem ou cego? Não sou eu, o Senhor?”*. “E agora ande e eu serei com a tua boca e ensinarei a ti o que tu falarás”. No versículo 11 o verbo *estabelecer*, pôr colocado por YHWH de maneira retórica, demonstra a soberania do Senhor. O verbo que aparece duas vezes, uma no tempo verbal perfeito e outra no tempo verbal imperfeito, mostra a abrangência do poder de YHWH de estabelecer certas condições no decorrer do tempo.

Depois dessa explanação retórica, YHWH ordena mais uma vez a Moisés que este siga em colaboração ao divino, tendo a palavra de YHWH de que ele será/estará com ele e o ensinará o que ele deve falar. Neste trecho o processo e o verbo *tëdaber* (falar, ordenar) pode indicar a chamada de Moisés como profeta, pois no comissionamento de outros profetas, como Ezequiel (3,1-3) e Jeremias (1,7), o Senhor dava a mesma garantia de que a Ele e a palavra dele estaria dentro deles e com isso capacitando-os a falarem (*dabar*).

Neste trecho é possível compreender que Deus, mesmo demonstrando seu soberano poder em estabelecer tudo de acordo com a sua vontade, não extingue a participação humana incapacitada de participar de seus planos⁵⁶. Vogels diz que “O diálogo entre Moisés e Deus sobre a palavra mostra que a palavra do profeta não depende da eloquência humana. Essa palavra não provém do homem, mas tem sua origem em Deus”⁵⁷.

Versículo 13 e 14: *Mas ele (Moisés) disse: “Com vossa permissão meu senhor, envie, por favor, pela mão que tu enviarás”. E o calor de ira do Senhor sobreveio Moisés e disse: “Não é teu irmão Arão, o levita? Ele reconhece-me e ele certamente falará. E também, preste atenção, ele aparecerá para te encontrar, e te verá e te alegrará com a vida dele”*. No versículo 13 Moisés recusa o comissionamento do Senhor e suplica a ele para não exercê-la. A frase “*envie, por favor, pela mão que tu enviarás*” é tipicamente semita, utilizada para dizer que tal pedido é impossível ou indesejado⁵⁸.

⁵⁶ PIXLEY, 1987, p. 43.

⁵⁷ VOGELS, 2003, p. 107.

⁵⁸ COLE, 1980, p. 73.

A ira de Deus e a escolha ficam em evidência no versículo 14, porém o comissionamento de Arão será exclusivamente analisado por ser um dos objetos dessa pesquisa. A formulação *daber yëdaber* (certamente falarás) mostra que a função profética de falar ficou para Arão. Além disso, os verbos seguintes mostram que Arão *aparecerá, verá* (no sentido de familiarizar) e *alegrará* Moisés, mostra que a escolha de Arão não foi apenas para o projeto do êxodo, mas também para o próprio Moisés.

Versículo 15 e 16: “*E tu ordenará, deus dele, e tu colocarás as palavras dentro da boca dele (Arão) e eu mesmo estarei com a tua boca e com a boca dele, e eu vos ensinarei, juntos, como agirás*”. “*E ele falará por ti para o povo e ele será aquele que será para ti por boca e tu será para ele por deus*”. Nesses dois versículos é onde *YHWH* estipula a função de cada um no projeto do êxodo. O Senhor, ao utilizar o verbo no *piel*, intensifica o falar de Moisés à Arão, mostrando a diferença entre esse falar e o falar ao povo, “*Tu ordenarás...*”, e já em seguida diz a nova função dele em relação a Arão “[...] *deus dele...*”.

Fazendo uso da repetição como recurso retórico, no versículo seguinte *YHWH* enfatiza a função de cada um nessa obra. Utilizando o pronome pessoal na 3ª p., masc., sing., o Senhor dá ênfase que a função de falar agora pertence a Arão, este sendo boca de Moisés, e Moisés será como deus para ele, sendo assim, uma relação de Deus e profeta⁵⁹. Como já foi analisada a função de Arão nesse projeto divino, agora será feita as considerações sobre Moisés ter a função de deus.

A cultura do Antigo Oriente influenciou em muitos pontos os israelitas, na literatura e também nas questões religiosas. É grande a possibilidade de influência no que diz respeito ao esquema cultural de obter um rei-deus (*cultic pattern*)⁶⁰, não o idolatrando, mas fornecendo aspecto divinal ao herói da saga, pois este (rei, faraó) era visto como um deus. Thomas Römer ressalva a relação entre realeza e divindade presente em muitos lugares do Antigo Oriente, como o Egito, que possivelmente impactou a escrita bíblica: “Com Arão como seu porta-voz, ele representa Javé, do mesmo modo como o faraó está representando as divindades

⁵⁹ COLE, 1980, p. 73.

⁶⁰ SELLIN; FOHRER, 2007, p. 47-48.

egípcias. Em Ex 4,16, Moisés é chamado o Deus de Arão, e, em 7,1, o Deus do faraó”⁶¹.

Versículo 17: “*Ele pegará este cajado que com tua mão realizastes com ele os sinais*”. O cajado tem simbologia importante e papel singular no evento do êxodo. Os sinais citados neste versículo referem-se aos sinais que *YHWH* concedeu em Ex 4,2-5 como prova de seu poder. *YHWH* era conhecedor dos temores de Moisés, conhecendo sua relutância em enfrentar o poder dominante da época, o faraó.

Por isso *YHWH* lhe concedeu este utensílio com simbologia significativa, demonstrando sua superioridade aos símbolos de faraó. Faraó empunhava um cajado de pastor com conotação real e Moisés também teria um, além disso, seu cajado se transformou numa serpente na qual ele dominaria pegando-o pela cauda. “Essa vara é mais que um cajado de pastor ou de mago; é parecido com o cetro de um rei, o sinal de sua autoridade”⁶². A serpente também tinha significado importante para faraó, usando um *ureo* na cabeça (uma serpente da deusa Uto) que também simbolizava realeza⁶³.

Conclusão

O texto foca-se nas funções que Moisés e Arão receberam do Senhor para o evento do êxodo. Os versículos 15 e 16 efetivamente demonstram a função de cada um: Arão será o profeta e Moisés será como um deus. A função de Arão não expressa muitos problemas de interpretação, pois segue o modelo de comissionamento de outros profetas como Ezequiel e Jeremias. Porém a função de Moisés apresenta indagações.

Para um melhor entendimento do que seria o *deus Moisés*, foi necessário entender contexto literário, religioso e cultural do Antigo Oriente, principalmente do Egito. Do entendimento do texto e do contexto, é possível entender o porquê da utilização de uma designação divina para Moisés e, também, da não preocupação das problemáticas que essa

⁶¹ RÖMER, 2016, p. 93.

⁶² VOGELS, 2003, p. 108.

⁶³ MELLA, 1981, p. 88-91.

denominação poderia acarretar. Porém continua a dúvida do que seria e qual seria a representatividade da função *deus*, pois na análise do texto pesquisado, não foi possível definir claramente a função de Moisés e o significado de ser um deus, visto que essa função supera a de um profeta. Em Deuteronômio 34,10 a preposição *bë* (como, igual) junto com a palavra profeta pode demonstrar que não houve profeta como Moisés, mas não no sentido de qualidade e, sim, no sentido de espécie, isto é, não houve profeta do tipo ou essência de Moisés⁶⁴.

Ao comissionar como deus, *YHWH* não o chamou para ser apenas um profeta, visto que ele não exerceu somente essa função, sendo também pastor, intercessor, legislador, entre outras funções⁶⁵. Ele foi um “deus” exercendo várias funções para o povo de Israel, assim como faró era um “deus” exercendo várias funções para o povo do Egito. Por sua função única, Moisés se torna um personagem singular em toda Bíblia, deixando um legado significativo de sua pessoa.

A partir do conhecimento e entendimento do texto bíblico em sua totalidade, exemplificado com a narrativa interpretada neste artigo, torna-se aplicável outros elementos da reflexão teológica, como a adesão e a práxis. Com isso a teologia e interpretação bíblica mostram-se relevantes para um entendimento e prática teológica coerente com a sociedade circundante e academicamente apta para o diálogo multidisciplinar.

Referências

- BRIGHT, Jonh. *História de Israel*. 2.ed. revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003.
- CASSON, Lionel. *O antigo Egito*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.
- COLE, R. Alan. Êxodo: introdução e comentário. 3. reimp. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980.
- CRÜSEMANN, Frank. *A torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

⁶⁴ HOLLADAY, 2010, p. 43.

⁶⁵ VOGELS, 2003; RÖMER, 2016.

- DEUS, NOME De. In: TENNEY, Merrill C. (org.). *Enciclopédia da Bíblia*. v.2. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 123-127.
- DRIOTON, Étienne; CONTENAU, Georges; DUCHESNE-GUILLEMIN, J. *As religiões do Antigo Oriente*, Sei e creio: enciclopédia do católico do século XX, v.14. São Paulo: Flamboyant, 1958.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 4. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. Êxodo 15,22-18,27. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FERNANDES, Leonardo Agostini. Verbete sobre Pentateuco. *Estudos Bíblicos: A Bíblia e a sua mensagem*. Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.estudosbiblicos.teo.br/?p=341>>. Acesso em: 30/3/2017.
- FISCHER, Alexander Achilles. *O texto do Antigo Testamento*. São Paulo: SBB, 2013.
- FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia hebraica: introdução ao texto massorético: guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo, Vida Nova, 2008.
- GRENZER, Matthias. *As dimensões temporais do verbo hebraico: desafio ao traduzir o Antigo Testamento*. Revista Pistis e Práxis, Teo. Pastor, Curitiba, v.8, n.1, p. 15-32, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis?dd1=16082&dd99=view&dd98=pb>>.
- _____. *O projeto do êxodo*. 2. ed. ampl. São Paulo: Paulinas, 2007.
- KAELIN, Oskar. *Gods in Ancient Egypt*. Oxford Research Encyclopedia of Religion. Oxford, 11/2016. Disponível em: <<http://religion.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780199340378.001.0001/acrefore-9780199340378-e-244>>.
- KUNZ, Claiton André. *Método histórico-gramatical: um estudo descritivo*. Revista Batista Pioneira, v.4, n.1, p.1-18, 2015.
- LËVAVO. In: HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 243.
- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *A contribuição da linguística textual para a compreensão dos valores do verbo hebraico*. Atualidade Teológica (PUCRJ), Rio de Janeiro, v.5, n.9, p. 229-239, 2001.
- MELLA, Federico A. Arborio. *O Egito dos Faraós: história, civilização, cultura*. São Paulo: Hermes, 1981.

- MESQUITA, Antônio Neves de. *Povos e nações do mundo antigo: uma história do Velho Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- PIXLEY, George V. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- PURY, Albert de. *O Pentateuco em questão: as origens e composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- PURY, Albert de; RÖMER, Thomas. *Inventário provisório das principais questões que hoje se apresentam à pesquisa sobre o Pentateuco*. In: PURY, Albert de. *O Pentateuco em questão: as origens e composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 72-88.
- RENDTORFF, Rolf. *Antigo testamento: uma introdução*. Santo André: Academia Cristã, 2009.
- _____. *The Problem of the Process of Transmission in the Pentateuch*. England: JSOT Press Sheffield, 1990.
- RÖMER, Thomas. *Os papéis de Moisés no Pentateuco*. in: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (orgs.). *Pentateuco: da formação à recepção: Contribuições ao VII Congresso ABIB-UMESP*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 89-108.
- SCHULTZ, Samuel J. *A história de Israel no antigo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- SELLIN, E.; FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007.
- SILVA, Cassio Murilo Dias da. *Metodologia da exegese bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. – (Coleção bíblia e história).
- SIMIAN-YOFRE, Horácio. (org.). *Metodologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011a.
- _____. *Diacronia: os métodos histórico-críticos*. In: _____ (org.). *Metodologia do Antigo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011b, p. 73-108.
- SIMPSON, William Kelly. *Royal Stale*. In: _____. *The Literature of Ancient Egypt: An Anthology of Stories, Instructions, Stalea, Autobiographies, and Poetry*. 3. ed. New Haven and London: Yale University Press, 2003, p. 335-392.
- SKA, Jean Louis. *O canteiro do Pentateuco*. São Paulo: Paulinas, 2016a.

- _____. *Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos*. in: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika ; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (orgs.). Pentateuco: da formação à recepção – Contribuições ao VII Congresso ABIB-UMESP. São Paulo: Paulinas, 2016b, p. 13-88.
- TOV, Emanuel. *The Development the Text of the Torah in Two Major Text Blocks*. Mandel Institute of Jewish, Jerusalém, Bible Project (HUBP) – Textus 26: 2016. Disponível em: <http://www.hum.huji.ac.il/upload/_FILE_1474293442.pdf>.
- VAN SETERS, John. *The Edited Bible: The Curious History of the “Editor”* In: _____. *Biblical Criticism*. Winona Lake: IN: Eisenbraus, 2006.
- VAN SETERS, John. *The Genealogy of the Biblical Editor*, In: KLOPPENBORG, John S.; NEWMAN, Judith H. (Eds.). *Editing the Bible: Assessing the Task Past and present*, n.69, Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2012. p. 9-22.
- VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas: do Êxodo ao Deuterônimo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

Submetido em: 09/06/2017

Aceito em: 08/06/2018